

*Mary Del Priore*

“As baby boomers queimaram sutiãs e tiveram a ajuda fundamental da pílula anticoncepcional para mudar suas vidas”

EDIÇÃO ESPECIAL N.º 1 - 2022



---

---

A MENSTRUÇÃO NÃO DEVE SER  
MOTIVO DE VERGONHA

**SUBVERSIVA**

FEMINISMOS PLURAIS

# SUBVER

U M A R E S P O S T A F E M I N I S T A  
À D E S I G U A L D A D E

# SIVA

O objetivo da **Subversiva** é discutir feminismo, em suas pluralidades e particularidades, nas suas benesses e feridas. Além disso, queremos refletir sobre questões que cercam a formação de um mundo mais justo e igualitário para TODAS as pessoas. Esta é uma revista política, portanto. Reservamo-nos o direito de não publicar textos que sejam contrários a nossos posicionamentos editoriais. Primamos pela crítica às estruturas e instituições, não a indivíduos. Buscamos não difundir preconceitos e sim utilizar os princípios da interseccionalidade em nossos textos. A proposta atual é fazer uma revista virtual mais ampla e democrática.

Há também a questão da invisibilidade, na maioria de nossos textos dando voz a mulheres e pautas silenciadas pela mídia tradicional brasileira. Não acreditamos em estereótipos. Não acreditamos em verdades absolutas. Não acreditamos no feminismo como uma cartilha e nem como religião. Nosso feminismo é político e está constantemente em construção. Aberto para agregar ideias, valores e conceitos. Pronto para reconhecer privilégios e contradições. Disposto a questionar universalizações e essencialismos. Temos o desafio de propor, lutar e implementar mudanças sociais que construam uma sociedade melhor para TODAS as pessoas, especialmente as mulheres guerreiras.

# SUMÁRIO

- 6** o que encontramos aqui?
- 7** saiba mais sobre a Vi
- 10** retratos femininos sobre o árduo silenciamento
- 15** o feminismo nasceu com Simone de Beauvoir
- 18** guia do assédio
- 19** tipos de violência
- 21** Mary Del Priore
- 25** é urgente falar sobre aborto
- 28** privilégio para poucas
- 33** menstruação censurada
- 34** o tabu que divide Índia e Brasil entre mundos
- 36** o homem que revolucionou o absorvente na Índia
- 38** o sangue menstrual era visto como "sangue ruim"
- 41** prazer, essa sou eu
- 42** o corpo ideal para o verão é aquele que se diverte e vai à praia

- 44**     **Rupi Kaur**
- 45**     **8 frases para normalizar**
- 46**     **coisas que todas as mulheres deveriam saber**
- 49**     **àquelas que vieram antes de mim**
- 51**     **patrocínio**
- 52**     **lei Mariana Ferrer**
- 54**     **doentio e sistemático, Manu Gavassi**
- 57**     **chegou até aqui?**

## O QUE ENCONTRAMOS AQUI?

Nas três edições especiais da Revista Subversiva em formato digital, você encontrará matérias, reportagens especiais, artigos de opinião, entrevistas, crônicas, perfis, poesias, guias importantes e colunas de jornalistas convidadas. Importante deixar claro, que na Subversiva decidimos abordar temas teoricamente silenciados pela mídia tradicional, dando voz a mulheres e pautas feministas dentro de uma revista que pode ser lida por todos, sendo assim uma resposta reinista a desigualdade.

Ao longo das edições você encontrará alguns temas repetidos a partir de reportagens especiais. A pauta que daremos mais prioridade será a dignidade menstrual, para debater o assunto trouxemos profissionais da saúde, indicações de livros, filmes, guias, dados importantes sobre a pauta escolhida a dedo pela editora.

Para a nossa primeira edição decidimos ressaltar histórias e vivências do árduo silenciamento feminino através de histórias e textos bem escritos. Para a matéria de capa escolhemos a falta de recursos, desinformação ou tabu em torno do assunto da menstruação.

Além das matérias sobre menstruação, você encontrará uma entrevista ping-pong com a historiadora Mary Del Priore, artigos sobre a importância da legalização do aborto, guia do assédio, tipos de violência, aceitação do próprio corpo e muito mais.

Sugestão: não deixe de ler as nossas outras duas revistas. :)

# VICTORIA LACERDA

EDITORA

*Saiba mais sobre a Vi*

Todos os textos e produções jornalísticas presentes na Subversiva foram desenvolvidos pela estudante de jornalismo Victoria Lacerda. Feminista, virginiana, paulistana, mística e determinante, a estudante entra na revista como responsável pela diagramação e produção visual.

# FEMINISTA & MÍSTICA



Apaixonada por tudo que envolva comunicação, livros, fotografia, arte, misticismos, plantas, moda, Harry Styles, Taylor Swift, e claro feminismo. Desde pequena me sinto conectada com as pessoas. Muitas eu nunca vi, nem mesmo me apresentei. Sempre me senti conectada com as ideias, mesmo que diferentes das minhas. Os caminhos me emocionam e tenho habilidades quase indescritíveis no que diz respeito ao conhecimento. A conexão me fez enxergar o jornalismo de uma maneira mais humana e sensível. Me fez enxergar que o mundo é político, e que movemos ele a cada ato, pensamento e até mesmo nos obstáculos. Os olhares que observam o mundo são pilares para a nossa profissão. As trajetórias nos dão assuntos. E o mundo nos direciona, e direcionamos ele. O jornalismo me trouxe muitos sentimentos e descobertas. Entre eles o maior: o eterno conhecimento. Conhecimento até do que ainda não se sabe nada. Afinal, estar aqui, nesse mundo, seja onde for, já é um conhecimento "pra lá" de bom.



fotografia: Glenda Gurgel



**SUBVERSIVA**

**SUBVERSIVA**

**SUBVERSIVA**

**SUBVERSIVA**

**SUBVERSIVA**

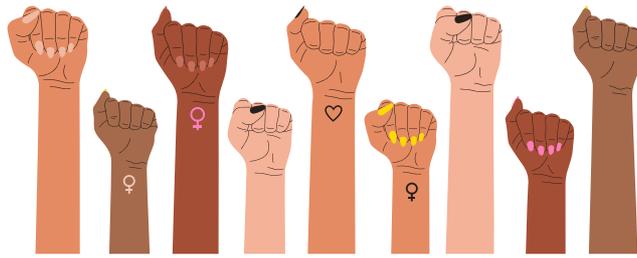
**SUBVERSIVA**

**SUBVERSIVA**

**SUBVERSIVA**

**SUBVERSIVA**

# RETRATOS FEMININOS SOBRE O ÁRDUO SILENCIAMENTO



**A**inda debatido em pleno século XXI, o tema causa inquietamento ao refletir sobre o silenciamento ao redor do mundo entre mulheres que já passaram por alguma situação em que foram desvalorizadas, ignoradas e caladas. Isso acontece de várias formas e há tanto tempo que só recentemente passou a ser foco de discussão. Excluir o sexo feminino não é mais aceitável e precisamos combatê-lo. Com o objetivo de contar a história de mulheres silenciadas em prol de maior representatividade para a colaboração de uma posterior mudança no cenário das desigualdades, as quais são imersas desde antes de nascerem. No decorrer da escrita, argumentos e debates serão expostos na Subversiva, incluindo dados, histórias e vozes das mulheres silenciadas. Diferentes nichos do árduo silenciamento feminino estarão presentes na escrita com, relatos do movimento feminista, suas pensadoras e ativistas. Angela Davis afirma que devemos agir com o intuito de transformar radicalmente o mundo literalmente a todo o instante. Com esse objetivo, escrevo cada palavra exposta aqui.

Nas antigas sociedades mediterrâneas, a mulher vivia uma condição legal limitada e sem direitos políticos. Foi a partir do século XVIII que se começou a falar em reivindicação dos direitos da mulher, com o advento do Iluminismo, seus ideais de liberdade e igualdade e da Revolução Francesa. A história do movimento feminista pode ser dividida em três momentos: as reivindicações por direitos democráticos, como o direito ao voto, divórcio, educação e trabalho, nos séculos XVIII e XIX; a liberação sexual, impulsionada pelo aumento dos contraceptivos, no fim da década de 1960; e a luta por igualdade no trabalho, iniciada no fim dos anos 1970. Hoje, grupos feministas ainda buscam avanços no que diz respeito aos direitos reprodutivos. Embora as mulheres tenham conseguido importantes conquistas com relação ao voto, trabalho, remuneração, divórcio e proteção no caso de violência doméstica, antigas demandas continuam em aberto.

**JUNTAS SOMOS MAIS FORTES**



Ao contrário do que muitos dizem, o feminismo prega a igualdade de gênero, uma sociedade na qual mulheres e homens tenham, de fato, os mesmos direitos. Defende o direito das mulheres de poderem andar nas ruas sem ter que ouvir cantadas desagradáveis - afinal, o corpo delas pertence somente a elas, sendo a rua pública -, busca que as mulheres possam ganhar o mesmo salário que os homens ao desempenhar a mesma função, entre outras reivindicações. O feminismo desfaz a ideia incutida pela sociedade patriarcal de que mulheres devem ser rivais entre si. Foi graças ao movimento feminista que mulheres e até mesmo certa parcela dos homens puderam estabelecer novos arranjos familiares em virtude da presença feminina no mercado de trabalho, dos direitos sexuais e reprodutivos, entre tantas outras pautas; foi e é graças ao movimento feminista que práticas violentas, como o estupro, são consideradas abomináveis, inaceitáveis e criminosas.

Com tudo isso, não podemos ignorar a importância do feminismo na atualidade e devemos enfatizar que o silenciamento feminino não se trata apenas de calar uma mulher; o silenciamento cala meninas, mulheres idosas e causas importantes como diferenciações dos feminismos, como dignidade menstrual, aborto como pauta de saúde pública, transfeminismos, pouca representatividade da mulher na política brasileira, violências de modo geral, falta de acessibilidade para mulheres portadoras de deficiência, desigualdade no mercado de trabalho e diferenciação no tratamento de mulheres gordas, entre vários outros temas que certamente conseguiria escrever até você cansar de ler.

Através da avalanche de informações que ameaça nos soterrar, destacam-se alguns acontecimentos que revelam a persistência de práticas criminosas que se mantêm, mesmo com os supostos avanços civilizatórios. Diariamente somos até mesmo questionadas se nossos namorados deixam que saíamos sozinhas com as amigas ou usando roupas curtas, como se, de alguma forma, fôssemos propriedades dos homens e precisássemos de autorização para fazer alguma coisa. Não raro também ouvimos comentários que justificam a violência contra a mulher, dizendo que "se apanhou é porque fez alguma coisa", ou que a vítima de estupro é responsável pela violência sofrida.

A vítima é julgada pelo tamanho de suas roupas, pela hora que estava andando sozinha na rua, enquanto o seu agressor é esquecido – e, apesar de ter cometido um crime, muitas vezes não é punido. Pode-se citar ainda a objetificação do corpo feminino em inúmeras propagandas, em que a mulher está ali como um objeto para agradar e satisfazer o homem. Não só isso: desde meninas, somos levadas a acreditar por meio de filmes e contos de fadas que uma mulher só estará verdadeiramente realizada se ela se casar e tiver filhos.

A violência contra a mulher pode enquadrar-se em várias categorias amplas, que incluem a violência realizada tanto por "indivíduos", como pelos "estados". Algumas das formas de violência perpetradas por indivíduos são: estupros, violência doméstica ou familiar, assédio sexual, coerção reprodutiva, infanticídio feminino, queima com ácidos, aborto seletivo e violência obstétrica, bem como costumes ou práticas tradicionais nocivas, como crime de honra, feminicídio relacionado ao dote, mutilação genital feminina, casamento por rapto, casamento forçado e violência no trabalho, que se manifestam através de agressões físicas, psicológicas e sociais.

Algumas formas de violência são perpetradas ou toleradas pelo estado, como estupros de guerra, violência sexual e escravidão sexual durante conflitos, esterilização forçada, aborto forçado, violência pela polícia e por autoridades, apedrejamento e flagelação.

Muitas formas de violência contra a mulher, como o tráfico de mulheres e a prostituição forçada, muitas vezes são perpetradas por organizações criminosas. Casos como o de Marielle Franco, Margarida Maria Alves, Helenira Resende, Madre Maurina e Eloá Cristina Pimentel retratam o descaso da nossa sociedade ao direito básico à vida ao sexo feminino; somos impedidas até de viver.

No Brasil, o movimento feminista, nas últimas décadas, tem sido de fundamental importância para conquistas e ampliação dos direitos da mulher. Além do que, tal movimento foi precioso para despertar em muitas esferas da sociedade uma nova consciência da mulher sobre si mesma, **pois ditar o comportamento feminino é uma preocupação que persiste na história de nossa sociedade.** Mas o papel da mulher no mundo se manteve praticamente inalterado até o final do século XIX. O feminismo começou a tomar forma, na Inglaterra, com as Sufragistas, que lutaram pelo direito ao voto. Esta foi a primeira conquista da mulher para além de seu papel idealizado: para o lar, para o amor e para o homem.

A partir disso, a sociedade passou por modificações até o momento atual. Graças aos movimentos de resistência e luta, notadamente o feminismo que emergiu no final do século XIX, a mulher vem ocupando novos e importantes espaços na sociedade.



UP  
FROM  
UNDER  
WOMEN  
UNITE

IS  
AND

Contudo, ainda existem muitos desafios a serem enfrentados quanto à desigualdade entre homens e mulheres. Escrita em 1949, *O segundo sexo* é a obra mais conhecida da pensadora francesa Simone de Beauvoir. Sua publicação gerou um escândalo em diversos âmbitos. A autora expõe na obra o desenvolvimento da opressão masculina por meio da análise da história, da literatura e dos mitos, atribuindo os efeitos contemporâneos dessa opressão ao fato de ter-se estabelecido o masculino como norma positiva. Todas as mulheres foram identificadas como “o outro”, o que levou a uma perda de sua identidade social e pessoal. O sexo feminino é limitado pelo conjunto inteiro do patriarcado.

A exclusão da mulher na sociedade é secular e diferenciada. É notório que o fenômeno não é específico da mulher, mas atinge diferentes segmentos. A ausência do reconhecimento da cidadania feminina não só exclui as mulheres de uma efetiva participação na sociedade, mas também a coloca em uma posição de silenciamento. Diante de uma invisibilidade histórica, a sororidade tornou-se o lema de vida entre muitas mulheres que, apesar de serem tão diferentes entre si, e conseqüentemente encararem realidades ainda mais distintas, mantêm-se unidas pela luta em prol de objetivos semelhantes.

## O FEMINISMO QUE NASCEU COM SIMONE DE BEAUVOIR

### 'O SEGUNDO SEXO' CONTINUA VÁLIDO 70 ANOS DEPOIS DE SEU SURGIMENTO

Simone Lucie Ernestine de Marie Bertrand de Beauvoir, conhecida como Simone de Beauvoir, nasceu em Paris, França, no dia 9 de janeiro de 1908. Filha de um advogado e leitor compulsivo, desde a adolescência já pensava em ser escritora.

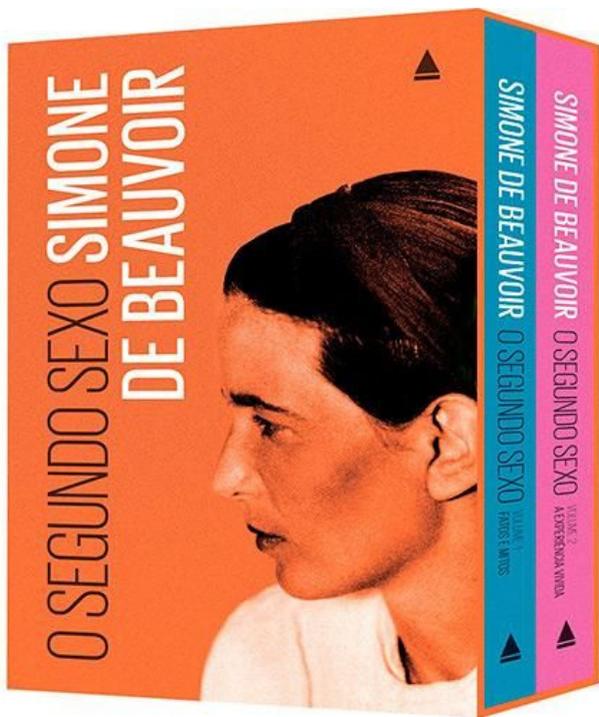
Simone de Beauvoir (1908-1986) foi uma escritora francesa, filósofa existencialista, memorialista e feminista, considerada uma das maiores representantes do existencialismo na França. Entre 1913 e 1925, estudou no Instituto Adeline Désir, uma escola católica para meninas.

Em 1925, Simone ingressou no curso de matemática do Instituto Católico de Paris e no curso de literatura e línguas no Instituto Saint-Marie. Em seguida, estudou Filosofia na Universidade Sorbonne, onde entrou em contato com outros jovens intelectuais como René Maheu e Jean-Paul Sartre, com quem manteve um longo e polêmico relacionamento. Em 1929 concluiu o curso de Filosofia.

Em 1931, com 23 anos, foi nomeada professora de Filosofia na Universidade de Marseille, onde permaneceu até 1932. Em seguida foi transferida para Ruen. Em 1943, retornou a Paris como professora de Filosofia do Lycée Molière.



fotografia: Creative Commons / Wikipedia



O Segundo Sexo é feminista, claro, e o é porque, se existe alguma coisa que define o feminismo, é a reivindicação para a política de temas tabu ou esquecidos, de suma importância para compreender a situação de desigualdade e subordinação das mulheres.

Simone foi uma “filósofa existencialista” que enfatizava a “liberdade e a reflexão” sobre a colocação da mulher na sociedade, tornando-se estes os principais pilares para a formação do pensamento. Simone possuía a habilidade de refletir profundamente sobre o cotidiano da vida, observando as falhas e injustiças sociais que passavam despercebidas pela maioria das pessoas.

Existem autores que simplesmente não têm predecessores ou sucessores: sua originalidade é absoluta. Simone de Beauvoir pertence a esse grupo porque seu pensamento foi um ponto de fuga que lhe permitiu chegar onde não se havia chegado. Embora muitos rótulos tenham sido dados ao seu livro *O Segundo Sexo* – definido, conforme o caso, como existencialista, humanista, ilustrado ou construtivista –, o fato é que 70 anos depois de sua publicação é um clássico absoluto, uma obra brilhantemente articulada através da qual continuamos contemplando e interpretando o mundo.

A obra, que alcançou repercussão internacional, serviu de referência para o movimento feminista mundial e marcou toda uma geração interessada, como a autora, na abolição das questões ligadas à opressão feminina e a busca da independência da mulher diante da sociedade. Escrita em dois volumes, o primeiro representa a parte filosófica do pensamento da autora, em que ela apresenta importantes reflexões sobre o existencialismo e o contexto social da época – que trata de maneira desigual os papéis do homem e da mulher. Na segunda parte Simone traz a famosa sentença: “**Não se nasce mulher: chega-se a sê-lo.**” Assim ela oferecia ao feminismo, e a toda a humanidade, uma das formulações mais revolucionárias de todos os tempos. Tanto que tudo o que veio depois é quase uma nota de rodapé do seu pensamento. É intrigante como ninguém tinha se perguntado por que “homem” designa a humanidade inteira.

Esta frase ganhou destaque no Brasil em 2015, após aparecer em uma questão do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). “O que é ser mulher?” Essa pergunta foi o que norteou Simone em "O Segundo Sexo". Segundo a filósofa, o homem era uma experiência universal, no entanto, ser mulher era uma construção social. Para entender esse conceito é preciso considerar a condição da mulher no contexto de uma sociedade patriarcal que forjou sua condição histórica, social e culturalmente.

Podemos enfatizar que o livro articula uma meditação sistemática sobre significados sociais para os quais nem sequer existiam palavras em 1949. Sua coragem foi colossal, pois muitas feministas de seu tempo ainda guardavam silêncio sobre as fantasias projetadas nos corpos das mulheres e a importância disso em seu posicionamento social assimétrico. A recepção de sua obra foi na verdade um gigantesco primeiro degrau que nos elevou rumo a uma consciência crítica. Muitas daquelas primeiras reflexões sobre a dignidade humana, a criatividade e a autonomia da mulher são consideradas ainda hoje uma autêntica mina para o feminismo.

O Segundo Sexo aos 70 continua sendo um brilhante buraco sem fundo repleto de perguntas que abrem o mundo das mulheres, mas também dos homens, a novas possibilidades e horizontes de liberdade.

Simone de Beauvoir construiu uma trajetória independente e controversa para a época. Nunca se casou nem teve filhos. Comprou um apartamento onde morava sozinha. Manteve relações homoafetivas. Se dedicou à escrita e às aulas na universidade. Poderia ter escolhido ser a mulher de Sartre (1905-1980), filósofo com quem manteve duradouro relacionamento, mas optou por ser lembrada como a escritora feminista e filósofa existencialista.

O feminismo de Beauvoir reivindicava-se, assim, como humanismo, reclamando para as mulheres a energia criativa e as capacidades que lhes haviam sido negadas historicamente.

**QUE A LIBERDADE SEJA NOSSA PRÓPRIA  
SUBSTÂNCIA. JÁ QUE VIVER É SER LIVRE.**



# ASSÉDIO

Você sabe o que é assédio? Esse guia inclui situações de assédio (no significado mais amplo da palavra) para identificar imediatamente e entender que, não, você não é exagerada, louca ou sensível demais.

## Denuncie!

**Abraçar, tocar, beijar ou encostar em uma pessoa sem consentimento.**

É ASSÉDIO! SIM (X) NÃO ( )

**Elogios insistentes ou piadinhas sobre a aparência ou a vida íntima de uma mulher.**

É ASSÉDIO! SIM (X) NÃO ( )

**Olhares intimidadores, assovios ou outros gestos que a deixem desconfortável.**

É ASSÉDIO! SIM (X) NÃO ( )

**Perguntas invasivas sobre a vida íntima de alguém.**

É ASSÉDIO! SIM (X) NÃO ( )

# TIPOS DE VIOLÊNCIA

Estão previstos cinco tipos de violência doméstica e familiar contra a mulher na Lei Maria da Penha: física, psicológica, moral, sexual e patrimonial – Capítulo II, art. 7º, incisos I, II, III, IV e V. Essas formas de agressão são complexas, perversas, não ocorrem isoladas umas das outras e têm graves consequências para a mulher. Qualquer uma delas constitui ato de violação dos direitos humanos e deve ser denunciada.

## 1 - VIOLÊNCIA FÍSICA

Entendida como qualquer conduta que ofenda a integridade ou saúde corporal da mulher.

- espancamento
- atirar objetos, sacudir e apertar os braços
- estrangulamento ou sufocamento
- lesões com objetos cortantes ou perfurantes
- ferimentos causados por queimaduras ou armas de fogo
- tortura

## 3 - VIOLÊNCIA SEXUAL

Trata-se de qualquer conduta que constranja a presenciar, a manter ou a participar de relação sexual não desejada mediante intimidação, ameaça, coação ou uso da força.

- estupro
- obrigar a mulher a fazer atos sexuais que causam desconforto ou repulsa
- impedir o uso de métodos contraceptivos ou forçar a mulher a abortar
- forçar matrimônio, gravidez ou prostituição por meio de coação, chantagem, suborno ou manipulação
- limitar ou anular o exercício dos direitos sexuais e reprodutivos da mulher

## 2 - VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA

É considerada qualquer conduta que cause dano emocional e diminuição da autoestima; prejudique e perturbe o pleno desenvolvimento da mulher; ou vise degradar ou controlar suas ações, comportamentos, crenças e decisões.

- ameaças
- constrangimento
- humilhação
- manipulação
- isolamento (proibir de estudar e viajar ou de falar com amigos e parentes)
- vigilância constante
- perseguição contumaz
- insultos
- chantagem
- exploração
- limitação do direito de ir e vir
- ridicularização
- tirar a liberdade de crença
- distorcer e omitir fatos para deixar a mulher em dúvida sobre a sua memória e sanidade (gaslighting)



## 4 - VIOLÊNCIA PATRIMONIAL

Entendida como qualquer conduta que configure retenção, subtração, destruição parcial ou total de seus objetos, instrumentos de trabalho, documentos pessoais, bens, valores e direitos ou recursos econômicos, incluindo os destinados a satisfazer suas necessidades.

- controlar o dinheiro
- deixar de pagar pensão alimentícia
- destruição de documentos pessoais
- furto, extorsão ou dano
- estelionato
- privar de bens, valores ou recursos econômicos
- causar danos propositais a objetos da mulher ou dos quais ela goste

## 5 - VIOLÊNCIA MORAL

É considerada qualquer conduta que configure calúnia, difamação ou injúria.

- acusar a mulher de traição
- emitir juízos morais sobre a conduta
- fazer críticas mentirosas
- expor a vida íntima
- rebaixar a mulher por meio de xingamentos que incidem sobre a sua índole
- desvalorizar a vítima pelo seu modo de se vestir

## Ligue 180

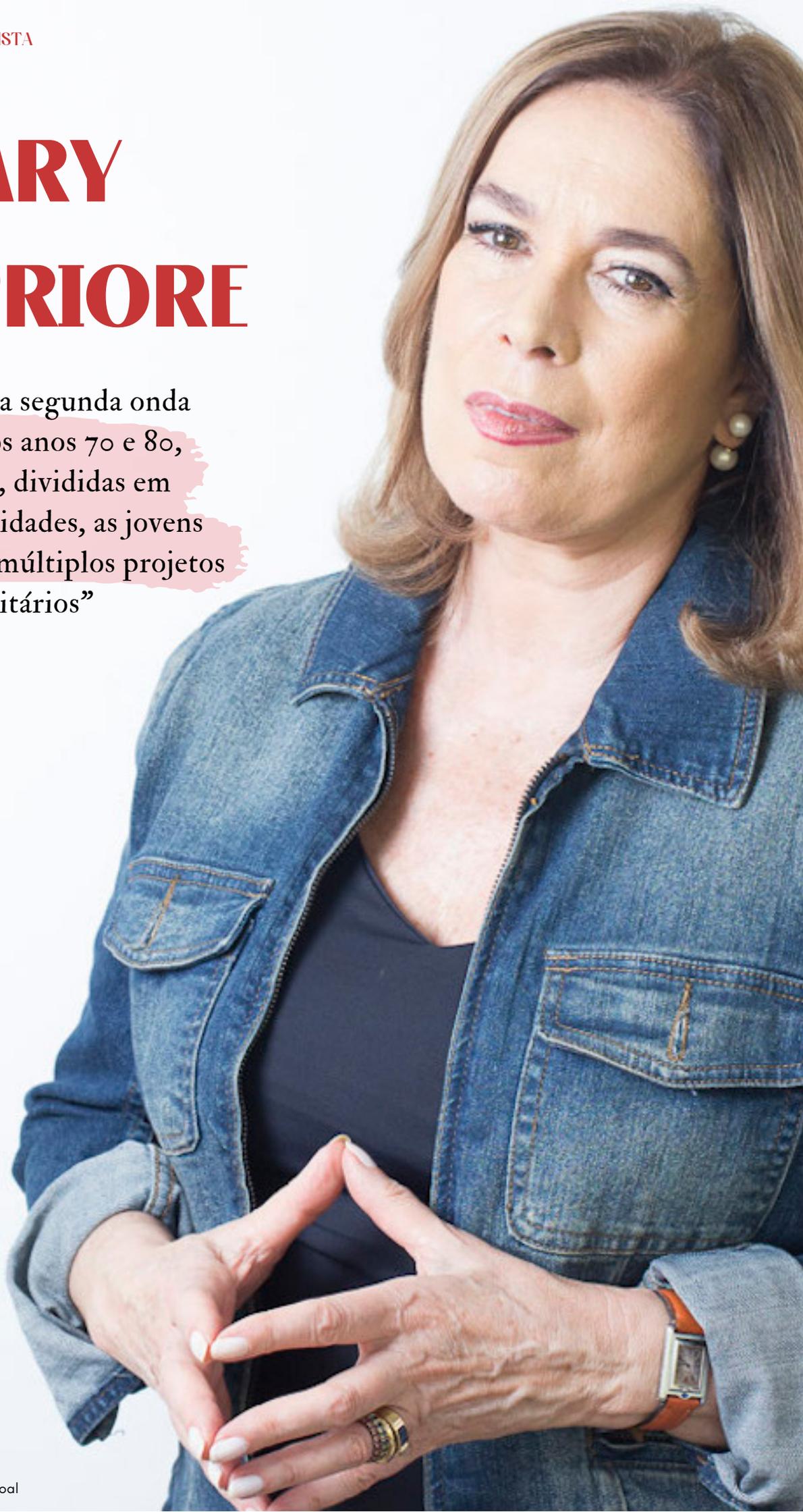
A Central de Atendimento à Mulher é uma política pública essencial para o enfrentamento à violência contra a mulher em âmbito nacional e internacional. Por meio de ligação gratuita e confidencial, esse canal de denúncia funciona 24 horas por dia, todos os dias da semana, no Brasil e em outros 16 (dezesesseis) países: Argentina, Bélgica, Espanha, EUA (São Francisco e Boston), França, Guiana Francesa, Holanda, Inglaterra, Itália, Luxemburgo, Noruega, Paraguai, Portugal, Suíça, Uruguai e Venezuela.

Além de registrar denúncias de violações contra mulheres, encaminhá-las aos órgãos competentes e realizar seu monitoramento, o Ligue 180 também dissemina informações sobre direitos da mulher, amparo legal e a rede de atendimento e acolhimento.

**Lembre-se: onde não há consentimento, há assédio!**

# MARY DEL PRIORE

“Diferente da segunda onda feminista dos anos 70 e 80, atualmente, divididas em interseccionalidades, as jovens feministas têm múltiplos projetos identitários”



**N**ascida no Rio de Janeiro em 1952, Mary Lucy Murray del Priore formou-se em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Seria o início de uma grande e reconhecida carreira. Continuando sua formação, concluiu seu Doutorado em História Social pela Universidade de São Paulo. Foi então que Mary del Priore saiu do Brasil para defender o título de Pós-Doutorado pela École des Hautes Études en Sciences Sociales, em Paris, no ano de 1996.

Mãe de três filhos (Pedro, Paulo e Isabel), ela pertence a uma geração que quebrou tabus, porém também não dramatiza suas experiências. Está no segundo casamento, não teve crise ao criar os filhos ao mesmo tempo em que se dedicava a uma carreira intelectual e envelhece com tranquilidade. Questiona a obsessão pelo corpo, mas se apresenta na entrevista maquiada e elegantemente vestida.

Mary tornou-se uma escritora de sucesso, o que confirmam seus 52 livros, boa parte deles voltados não à descrição das grandes histórias e seus grandes protagonistas, mas da história da mulher, da família e da criança, como *Histórias e Conversas de Mulher*, *Histórias Íntimas*, *Histórias das Mulheres no Brasil*, *Sobreviventes e Guerreiras* entre outros clássicos da autora. Em entrevista à *Subversiva*, a historiadora reconhece que a sociedade caminha para mudanças estruturais, mas segundo ela, a “violência contra a mulher é um fenômeno transcultural”, presente em todas as culturas ao longo dos séculos. Para a especialista, a sociedade atual herdou três formas de patriarcalismo, que remetem a mais de 500 anos de conduta.

## **Fora das salas de aula quem é Mary Del Priore?**

Mary é uma mulher de bem com a vida, que ama sua família, cultiva rosas e adora pesquisar e escrever sobre História.

## **Como começou seu gosto pela História? Foi um caminho natural seguir a carreira acadêmica, você sempre teve esse interesse?**

Meu gosto por História nasceu de leituras precoces e infância solitária. Eu viajava nos livros e no tempo. A profissão entrou tarde em minha vida. Já era mãe de três filhos quando comecei a estudar e nunca pensei em dar aulas numa universidade. Fiz o concurso da USP por insistência de colegas - eu estava terminando a pós-graduação - e passei em 1º lugar.

## **Você é de uma geração que quebrou tabus e queimou sutiãs. Qual acha que é a diferença entre sua geração de mulheres e a das que têm 20, 30 anos hoje?**

De fato, as baby boomers queimaram sutiãs e tiveram a ajuda fundamental da pílula anticoncepcional para mudar suas vidas. Mas muitos valores com os quais foram criadas permaneciam colados à pele: o sonho do príncipe encantado, de ser eternamente jovem, de ter uma vida burguesa e ser sempre desejável. Nossas filhas já foram criadas sem essa dualidade. Almejam liberdade, andar com as próprias pernas e ter independência material e emocional para fazer suas escolhas.

## **Por que resolveu direcionar seu trabalho a questões femininas?**

Quando fui estudar na França, no final dos anos 1980, o assunto estava bombando. Me reconheci nos assuntos tratados (sexualidade, maternidade e família) e me dei conta que havia pouca história sobre as brasileiras. Aos poucos, percebi que o assunto é inesgotável e que há sempre o que dizer sobre ele.

## **Como a internet influencia o movimento feminismo e até mesmo a geração Z hoje em dia?**

Diferente da segunda onda feminista dos anos 70 e 80, atualmente, divididas em interseccionalidades, as jovens feministas têm múltiplos projetos identitários. Antes, os projetos buscavam atender um maior número de mulheres. Buscavam o coletivo. A constelação atual tem um projeto para cada estrela, o que fragiliza o conjunto. O ideal é que nos uníssemos em torno da única questão que realmente transforma a vida das mulheres: educação.

## **oje, muitas mulheres são executivas, políticas. Existe o mito de que entrando pesado no mercado de trabalho a mulher tende a se masculinizar e a imitar o homem. Você concorda com isso?**

Recebo muitas críticas quando afirmo que muitas brasileiras são machistas e responsáveis por transmitir aos filhos, projetos machistas: homem não chora, tem que ser forte e saber se defender, etc. A esse grupo se junta o das que acreditam que ser objeto sexual de homem é o projeto ideal.

No mundo do trabalho elas conseguem ser mais machistas do que os homens, pois não gostam de dividir, colaborar ou escutar as demais colegas. Temos que trabalhar para mudar essa forma de pensar. E acredito que as jovens gerações têm uma compreensão mais sensível do que seja solidariedade e compaixão. Vocês serão determinantes para enterrar o velho modelo do individualismo acima de tudo.

## **Estamos diante de um ano de eleições, como você vê a presença das mulheres na política?**

Vejo com preocupação pois não acredito que pelo simples fato de ser mulher ou usar saias, as distorções políticas serão corrigidas. Quantos escândalos de corrupção não envolveram mulheres? Mas, por outro lado, vejo que as mulheres estão se preparando cada vez melhor para viver PARA a política, e não DA política. É preciso formação em políticas públicas, em administração, em ciências humanas para se tornar protagonista de transformações na vida política que mais parece um laboratório de répteis!

## **Diante do nosso contexto geral do Brasil e nas circunstâncias que estamos vivendo, quem são as mulheres sobreviventes e guerreiras?**

Somos todas nós e é importante saber que nossas ancestrais, nossas irmãs do passado, também lutaram, sofreram e construíram. Temos **know how** de resiliência há gerações. Os exemplos são milhares e conhecer tais pioneiras nos ajuda a criar projetos para os dias de hoje.

**Como o envelhecimento das mulheres é encarado hoje em comparação com tempos passados?**

Vários conceitos vêm sendo criados para sugerir que podemos envelhecer diferentemente de nossas avós. Da medicina à psicanálise, da auto-ajuda às academias, tudo colabora para termos uma visão positiva desta fase da vida. Penso que temos que unir educação – para estar mais informadas – e uma função na vida social – para agir, trabalhar e atuar. Tudo isso, com saúde!

**A sociedade precisa reconhecer o machismo estrutural para termos uma mudança efetiva?**

A sociedade precisa ouvir os homens, para tentar entender como se constrói o machismo, a violência, a raiva. Se não transformarmos os homens em interlocutores, se não entendermos como se constrói sua virilidade, se ficarmos apenas no binarismo de vítimas e réus não avançaremos na questão.

**O que a Mary de hoje em dia falaria para a Mary de 1990 quando lançou um dos seus primeiros livros?**

**Ela diria: vamos melhorar sempre e fazer a melhor História possível para um maior número de brasileiras.**



# É URGENTE FALAR SOBRE ABORTO

Hoje, o aborto é uma das pautas mais urgentes no feminismo. É impossível ser feminista e não ser a favor da legalização do aborto.

E a urgência desse tema volta a aparecer quando uma menina de 11 anos, vítima de um estupro, é impedida de realizar o aborto permitido pela lei por crenças pessoais da juíza, do médico que se negou a realizar o procedimento... e de um monte de gente que se diz pró-vida, mas está tranquila com a possibilidade de a menina morrer no parto por ter um corpo de criança ou ter a sua vida ainda mais destruída após ser violentada por um homem.

Não existe movimento antiaborto que seja pró-vida. Um movimento pró-vida certamente seria a favor da vida de meninas e mulheres.



"Eu não faria." "Minha religião não me permite." "Eu não acho certo.

Pautas políticas nunca serão sobre a sua vida. Você tem autonomia sobre sua religiosidade e sobre o seu corpo. No entanto, a sua crença jamais deverá ser argumento para que outra mulher não possa escolher ou uma menina seja forçada a abandonar a infância para sempre. Suas escolhas, opiniões e seus valores individuais não anulam uma urgência coletiva. Você não é a régua que mede um país inteiro.

Todos os "argumentos" antiaborto são cruéis, egoístas e/ou injustos.

## "Sou a favor da vida."

Da vida de quem? Segundo o Ministério da Saúde, ao menos uma mulher morre a cada dois dias por conta de um aborto inseguro.

Todos os órgãos sérios reconhecem que um corpo infantil não está pronto para uma gravidez. E, ainda assim, a juíza pressiona a vítima para que ela coloque a sua própria vida em risco pelo resultado de uma violência. Mesmo sob pressão, a menina afirma não querer seguir com a gravidez e ainda é questionada se o estupro concordaria com uma possível adoção.

Todos os "argumentos" antiaborto são cruéis, egoístas e/ou injustos.

## "Sou a favor da vida."

"Morte" é a ausência de atividade cerebral. Isso significa que o chamado feto passa a ser um ser vivo apenas após a formação funcional do sistema nervoso.

Inclusive, até em um estágio avançado da gravidez, se um feto não sobrevive, ele sequer precisa de um atestado de óbito. Por que a vida de uma menina, com atividade cerebral, sentimentos, traumas, sonhos, vale menos do que a de um amontoado de células? Por que a vontade do estupro é levada em consideração, mas a dela e a da mãe dela, não?

Todos os "argumentos" antiaborto são cruéis, egoístas e/ou injustos.

## "Se legalizar, todo mundo vai fazer."

Ninguém aborta por ser "legal". Ninguém, mesmo em situações muito menos extremas do que a menina em Santa Catarina. Em todo o mundo, abortos são mais realizados em regiões onde ainda são criminalizados. Ou seja, mesmo quem é contra o aborto, deveria ser a favor da sua legalização e, mais do que isso, do fim das interferências religiosas que não deveriam acontecer em um Estado laico. Quem diria, não é mesmo?

#EXPLICANDO; É URGENTE FALAR SOBRE ABORTO.

**"Na hora do bem bom, não pensou nisso." "Ninguém mandou não se prevenir."**

Para esse caso específico, eu espero sinceramente que tais argumentos sequer sejam levantados. Mas a verdade é que eles não deveriam ser usados nunca.

Você já parou para pensar como essas frases culpam e buscam "castigar" a mulher?

## Ela é culpada:

- pelo pecado de ter um desejo sexual;
- pela falha, seja humana (a de não ter usado um método contraceptivo ou não ter "escolhido o parceiro certo"), ou uma falha do próprio método (já que nenhum é 100% eficaz)

#EXPLICANDO É URGENTE FALAR SOBRE ABORTO.

**"Na hora do bem bom, não pensou nisso." "Ninguém mandou não se prevenir."**

E qual a pena da mulher "culpada"?

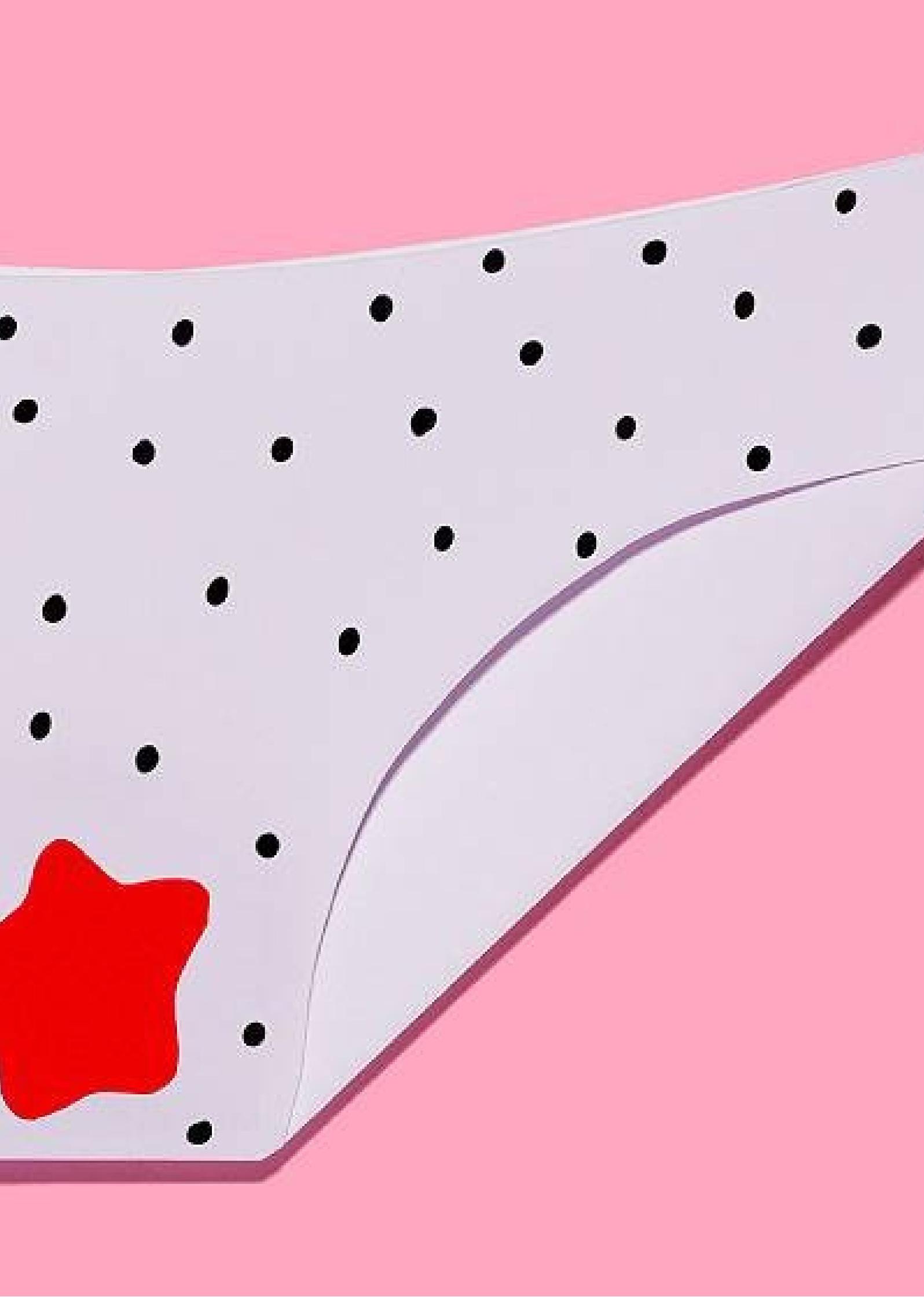
"Arçar com as consequências" do "pecado" ou dessa "falha". Mas gravidez e filho não deveriam ser castigos, pois são escolhas difíceis e custosas mesmo quando feitas por opção própria.

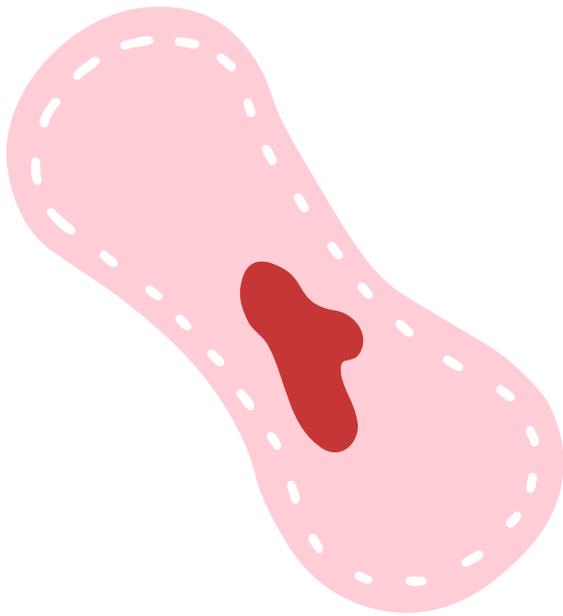
Além disso, a mulher - ou a menina, uma vítima!!!! Engravidou sozinha? E o homem nessa história, que tão facilmente pode sair de cena como se nada tivesse acontecido?

O aborto só é crime e mesmo um tabu na sociedade porque são mulheres as vítimas desse controle. Afinal, os corpos dos homens são dos homens. Os corpos das mulheres e meninas, não. Seus corpos são considerados "públicos". E isso precisa mudar.



**PRIVILÉGIO PARA POUCAS**





## Seja por falta de recursos, desinformação ou tabu em torno do assunto, uma parcela significativa da população é impactada por esse problema

Ela pode ser chamada de período ou até mesmo de “naqueles dias”. Não tem jeito, quando o sangue desce, não há como remediar ou esconder a menstruação. O jeito é recorrer aos absorventes nos próximos três, oito ou até mesmo dez dias. Mas, e quando se abre a gaveta e ela está vazia, não há um absorvente sequer? Pedacos de pano velho, papel higiênico, folhas de jornal e até miolo de pão acabam convertidos em “substitutos” improvisados para quem não tem acesso ao item extremamente básico.

A escassez de absorventes, água encanada, saneamento básico, banheiros com privacidade, sabonetes, papel higiênico, entre outros recursos essenciais, representam a pobreza menstrual. A desinformação também é um ponto crucial que influencia esse problema. Com a falta de conhecimento, a população não reconhece a necessidade e a importância de comprar absorventes por pensar que é um item

desnecessário para ser adicionado às despesas, além de não saberem os riscos e impactos causados pela falta de cuidados necessários durante a menstruação.

No Brasil, uma em cada quatro adolescentes não possui um absorvente durante seu período menstrual. O dado é do relatório Livre para Menstruar, elaborado pelo Girl Up, um movimento global para promoção de lideranças femininas. Outros estudos também apontam para esse cenário de precariedade enfrentado durante a menstruação. O relatório “Pobreza Menstrual no Brasil: desigualdade e violações de direitos”, realizado pelo Fundo de População das Nações Unidas (UNFPA) juntamente ao Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef) deixa explícito a triste realidade de diversas meninas e mulheres.

A pesquisa comprovou que, aproximadamente, 713 mil brasileiras vivem sem acesso a banheiro ou chuveiro em seu domicílio e mais de 4 milhões não têm acesso a itens mínimos de cuidados menstruais nas escolas ao redor do País. Além de 900 mil não terem acesso à água canalizada em seus domicílios e 6,5 milhões viverem em casas sem ligação à rede de esgoto. Esse problema afeta principalmente aquelas que vivem em condições de pobreza e de extrema vulnerabilidade em contextos rurais e urbanos, como estudantes de baixa renda e presidiárias, e gera muitos impactos durante toda a vida. Além de denunciar a grande desigualdade social.

Os impactos da pobreza menstrual são, principalmente, sociais. Sem infraestrutura e itens básicos de higiene, as meninas deixam de ir às escolas e de participar de atividades de socialização, assim como as mulheres deixam de ir trabalhar. Nota-se, portanto, o impacto direto na educação e na economia. Não à toa elas largam empregos e escolas devido à falta de recursos para lidar com o período menstrual.

A falta de conhecimento e informação reforçam certos tabus em torno da menstruação, gerando diversos tipos de preconceito. Muitas jovens têm, inclusive, vergonha de ir ao médico e desconhecem o funcionamento do próprio corpo. Para se ter uma ideia, uma pesquisa realizada pela FEBRASGO (Federação Brasileira das Associações de Ginecologia e Obstetrícia) juntamente com o Datafolha, constatou que 4 milhões de

mulheres no Brasil nunca foram ao ginecologista e 16,2 milhões não se examinam com o especialista há mais de um ano por vergonha, medo de algum diagnóstico ou simplesmente por não gostarem.

A pobreza menstrual é um tema multifacetado que precisa de múltiplas soluções estruturais: a mudança do status de “supérfluo” para garantir a redução e eliminação da tributação de produtos menstruais; a distribuição gratuita nas escolas públicas e presídios; a inclusão sistemática de absorventes nas cestas básicas em todos os estados; a abordagem da menstruação nos currículos escolares; uma discussão sobre alternativas ecológicas ao uso de absorventes descartáveis para aquelas que têm acesso a saneamento e água em casa.

## **Porém, para combater a pobreza menstrual também uma mudança cultural é necessária.**

A menstruação é uma questão de saúde pública. Durante toda a idade fértil, pessoas que menstruam têm, em média, 450 ciclos menstruais e o custo de aproximadamente 0,60 centavos por unidade de absorvente descartável é suficiente para que o direito à higiene menstrual se torna, para elas, um luxo, chegando ao valor alarmante de R\$ 6.000,00!

# ESTIMA-SE QUE UMA MULHER GASTE ENTRE R\$ 3 MIL E R\$ 8 MIL AO LONGO DE SUA VIDA MENSTRUAL COM ABSORVENTES.

Menstruar é um evento natural na vida das mulheres. Contudo, lidar com a menstruação, que ocorre, na maior parte das vezes, mensalmente, não é.

Diante desta realidade é necessário que o Estado garanta políticas públicas que promovam a dignidade menstrual, proporcionando a sensibilização, a capacitação de profissionais da saúde e professore(as) e a conscientização de todas as pessoas com relação à menstruação, que ainda é vista como um tabu, mas que deve ser tratada como um processo natural do corpo das pessoas que menstruam.



# MENSTRUÇÃO CENSURADA

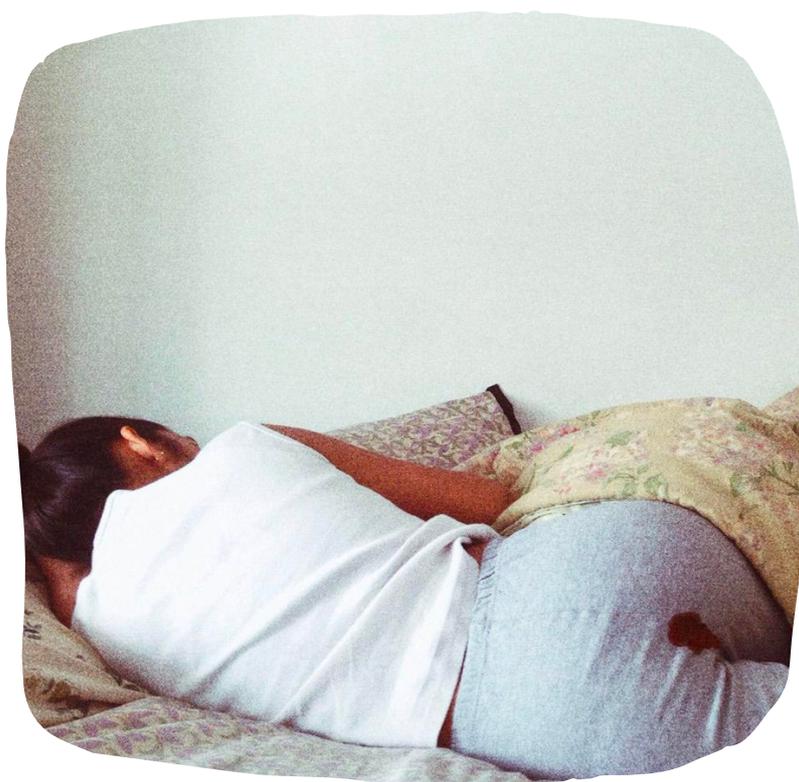
**Rupi Kaur** é uma poeta e artista indiana radicada no Canadá considerada uma das jovens escritoras feministas mais importantes da atualidade. É seguida por milhares no Tumblr e recentemente lançou seu primeiro livro de poemas, *Milk and Honey*.

No final de 2021, ela se tornou assunto nas redes sociais (pelo menos na rede feminista). O motivo? Uma foto do seu ensaio fotográfico, intitulado **Period**. (que, no inglês, tanto pode significar menstruação como “ponto final”), foi deletada do Instagram da artista. Simplesmente por mostrar uma mancha de sangue menstrual.

As fotos, feitas em conjunto com sua irmã Prabh, traduzem a realidade e intimidade da mulher durante o período de menstruação: o sangue, a cólica, os vazamentos, as manchas.

Essa é mais uma evidência de que, para a sociedade, o sangue feminino é motivo de vergonha, é algo nojento que deve ser escondido. Me lembro de quando estava no colégio e via as coleguinhas, quando tinham que ir ao banheiro para trocar o absorvente, sussurrar para as amigas: “hey... você tem ab-sor-ven-te?” com medo de alguém ouvir. E aí pegavam o pacotinho como se fosse alguma droga, como se fosse algo errado e humilhante, olhavam para os lados e então enfiavam no bolso, marchando com pressa.

Não podemos mais ter vergonha do nosso sangue. Da nossa menstruação. É algo natural que faz parte do ciclo da vida.



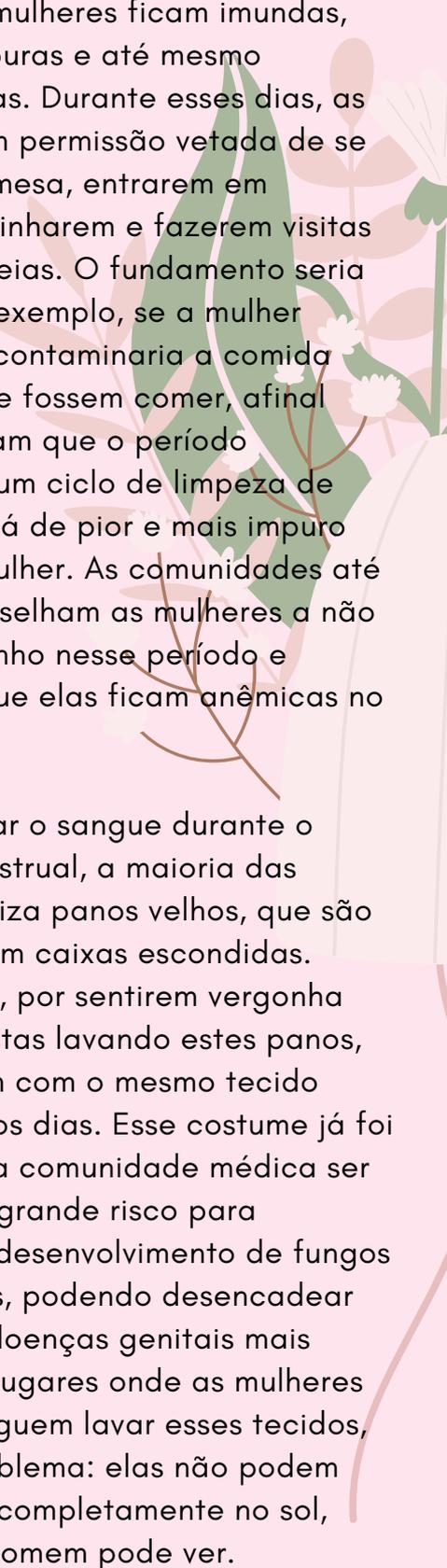


# O TABU QUE DIVIDE ÍNDIA E BRASIL ENTRE MUNDOS

Dores, inchaço abdominal, cansaço, ansiedade, irritabilidade. Esses são os sintomas que a maioria das mulheres costuma sentir no período da menstruação. Apesar de serem questões de extremo incômodo, é importante pensarmos que, no mundo, há mulheres que sentem, além de todos os sintomas físicos, a pressão do sistema patriarcal dentro de suas próprias casas e bairros em que residem. Essas mulheres merecem um olhar altamente cauteloso, afinal representam por si mesmas um conjunto de silenciamentos históricos feitos pela sociedade sexista em que vivemos.

A menstruação em si já costuma ser encarada pela sociedade global como uma questão unicamente feminina e de pequena importância, quando, ao falarmos de menstruação, estamos na realidade tratando um tópico de saúde pública e de extrema importância para compreensão de espaços públicos e como a mulher ocupa ou deixa de ocupar os mesmos. Um dos países onde a realidade acerca do período menstrual é impactante é a Índia, onde 1 a cada 5 meninas deixam a escola por conta da vergonha sentida pela menstruação. Essa média resulta em 3 milhões de mulheres que deixaram de estudar.

MULHERES SÃO CONSIDERADAS SUJAS OU AMALDIÇOADAS QUANDO MENSTRUADAS



No país, foi construído historicamente um silêncio e um tabu arraigado sobre todas as questões que envolvem a saúde da mulher. Esse estigma social sentido por elas decorre do mito criado e firmado em torno da menstruação, que prega que, nesse período, as mulheres ficam imundas, doentes, impuras e até mesmo amaldiçoadas. Durante esses dias, as mulheres têm permissão vetada de se sentarem à mesa, entrarem em templos, cozinhar e fazerem visitas às casas alheias. O fundamento seria de que, por exemplo, se a mulher cozinhasse, contaminaria a comida daqueles que fossem comer, afinal eles acreditam que o período menstrual é um ciclo de limpeza de tudo o que há de pior e mais impuro dentro da mulher. As comunidades até mesmo aconselham as mulheres a não tomarem banho nesse período e acreditam que elas ficam anêmicas no mesmo.

Para estancar o sangue durante o período menstrual, a maioria das mulheres utiliza panos velhos, que são guardados em caixas escondidas. Muitas delas, por sentirem vergonha em serem vistas lavando estes panos, permanecem com o mesmo tecido durante vários dias. Esse costume já foi provado pela comunidade médica ser um fator de grande risco para infecções e desenvolvimento de fungos nas mulheres, podendo desencadear até mesmo doenças genitais mais graves. Nos lugares onde as mulheres ainda conseguem lavar esses tecidos, há outro problema: elas não podem estendê-los completamente no sol, pois algum homem pode ver.

Isso faz com que elas tenham que fazer o uso dos mesmos ainda que parcialmente molhados, o que gera um fedor e maior risco de contaminação. Algumas tribos ainda acreditam que, após o uso desses panos, eles devem ser queimados, para que a maldição existente naquele sangue seja efetivamente exterminada.

Mulheres e adolescentes indianas têm muitos problemas durante a menstruação, sobretudo nas zonas rurais, onde a falta de informação e o preço dos produtos de higiene pessoal fazem com que boa parte delas use pedaços de pano, aumentando o risco de infecções.

Segundo pesquisas a respeito, 10% da população feminina da Índia rural acredita que a menstruação é uma doença. Por outro lado, 20% das menores abandonam os estudos logo que começam a menstruar, ficando condenadas à dependência econômica, aos casamentos forçados e aos outros males que atingem as mulheres nos países em desenvolvimento.

Além dos ativistas, diversos setores da população indiana tomaram consciência quanto à gravidade de uma situação marcada por tabus e pela falta de informação.

# O HOMEM QUE REVOLUCIONOU O ABSORVENTE NA ÍNDIA

A menstruação já foi assunto proibido em quase todo o mundo, mas enquanto nos países mais desenvolvidos ela já é discutida com naturalidade, nos menos desenvolvidos ainda não.

Na Índia, a menstruação não é apenas um tema tabu. No caso das mulheres que vivem em vilarejos rurais, a menstruação atrapalha seriamente o ensino, porque as garotas ficam em casa, faltando às aulas e provas, durante os cinco ou seis dias de sua duração. Com isso, algumas meninas acabam nem se dando ao trabalho de ir à escola. E há o impacto dela sobre os ganhos da família: quando as mulheres passam uma semana em cada quatro sem poder trabalhar, isso afeta o total recebido pela família.

Com o acesso restrito aos absorventes descartáveis, cerca de 80% das mulheres da região tiveram sua higiene menstrual comprometida. Foi então que um homem chamado Arunachalam Murugantham mudou esse cenário, usando sua criatividade e solidariedade.

Os fatores que impedem o uso do absorvente descartável pelas mulheres desses vilarejos vão do alto custo do produto à cultura machista e às superstições que envolvem o tema. Sendo assim, muitas delas recorrem a métodos não muito seguros para conter o sangue menstrual, como trapos, folhas de árvores e até mesmo serragem. Não é à toa que a falta de higiene menstrual é a causa de 70% de todas as doenças reprodutivas na Índia.



Com o objetivo de ajudar sua esposa e as demais mulheres da região, Muruganatham decidiu criar seus próprios absorventes descartáveis, que custariam bem menos que aqueles disponíveis no mercado. Para isso, ele precisou enfrentar barreiras culturais, financeiras e do próprio organismo. Após descobrir que a menstruação só acontecia mensalmente, ele criou um mecanismo que bombeava sangue de cabra para que ele mesmo “menstruasse” e pudesse testar os absorventes produzidos.

Muruganatham não foi apenas rejeitado por seus amigos e pela própria esposa, que acabou o abandonando, mas se tornou uma grande piada para os vilarejos da região. O que eles não suspeitavam é que este homem iria conseguir construir uma máquina para a produção de absorventes higiênicos descartáveis e empregar as mulheres da região, criando uma verdadeira revolução. A história de Arunachalam Muruganatham foi transformada em um filme.



## O SANGUE MENSTRUAL ERA VISTO COMO "SANGUE RUIM"

ciclo menstrual feminino sempre foi motivo de especulações, seja por ser uma incógnita, seja por ser um determinante de alguns rótulos ao longo do tempo. Durante o desenvolvimento de nossa civilização, as mulheres passaram por diversas situações, que atualmente vemos de forma cômica ou desumana. Principalmente nas eras primitivas, a menstruação, mesmo sem os seres humanos o saberem de fato, era vinculada ao sexo, e é inegável essa correlação.

O estudo do fenômeno da menstruação é interessante pelo fato de apresentar compreensões históricas que efetivamente podem ser desconhecidas desse processo fisiológico. A história do comportamento humano e suas relações com o processo da menstruação possuem estreita relação. Tal aspecto é fundamental para as compreensões acerca do comportamento humano e de sua realidade histórica.

Na Grécia Antiga, o sangue menstrual era visto pelos escritores da época como algo fundamentalmente insalubre, um símbolo do excesso feminino, um "humor" que precisava ser expulso do corpo para manter o equilíbrio e a saúde. Grandes vultos como Pitágoras, Aristóteles, Sócrates e Hipócrates (o Pai da Medicina), dentre outros, transformaram a Grécia no berço da sabedoria em praticamente todas as áreas do conhecimento. No caso da medicina e menstruação, Hipócrates, sem ter como examinar cadáveres humanos, pensava que o útero fosse subdividido internamente, formando inúmeras câmaras e saliências, e que o seu interior contivesse tentáculos e ventosas. Ainda assim Hipócrates foi quem primeiro analisou o fenômeno da menstruação, atribuindo ao mesmo uma função benéfica à saúde.

Durante o Império Romano (século II a.C. até o século IV), em torno do ano 60, Plínio, O Velho, escreveu História Natural, a primeira enciclopédia da história. No volume de biologia, ele descreve o sangue da menstruação como um veneno fatal que mata os insetos, define as plantas, murcham as flores, apodrece as frutas e cega as navalhas. Para ele, se a menstruação coincidissem com um eclipse da lua ou do sol, os males seriam irremediáveis. Relações sexuais com uma mulher menstruada poderiam ser fatais para o homem. A autoridade dele não era desafiada, seja por falta de fonte confiável, seja porque as afirmações não podiam ser testadas. Resumindo: ele atribuía ao sangue menstrual um caráter venenoso e considerava a sua descarga mensal um fenômeno purificador para a mulher, porém perigoso para aqueles que entrassem em contato com ela. Somente catorze séculos depois de ter vivido é que sua influência diminuiu. Essa má impressão dos antigos sobre o sangue menstrual transformou-se em verdadeiro tabu, adotado por todas as religiões que excluem a mulher da vida social durante o período menstrual por encontrar-se impura. Ainda em Roma, cerca de um século depois, a menstruação ainda era alvo de rótulos negativos. Com a reputação de "sangue ruim", o sangue menstrual deveria ser expurgado, argumento reforçado por Galeno, médico famoso da época que escreveu sobre os benefícios dos sangramentos purificadores.

Na época do Paganismo e do Politeísmo e da ascensão do Cristianismo, a situação mudou profundamente, porque a nova religião pregava a abstinência sexual como a melhor forma de servir a Deus.

Durante a Idade Média, houve uma prolongada estagnação da ciência e a Igreja Católica passou a dominar a escrita e o pensamento. Foram séculos dominados pela superstição e pelo medo, pela busca do céu e a fuga do inferno. As solteiras estavam condenadas a menstruar a vida inteira, e como para os médicos era benéfico para a saúde “jogar aquele sangue fora”, não havia quem não aceitasse resignadamente a ocorrência da menstruação. Naquela época não eram apenas as inférteis, prostitutas e doentes que menstruavam, mas as mulheres mais “puras”, as “santas”, que repudiavam o sexo, apesar de férteis, que também menstruavam a vida toda.

Do mesmo modo que as fêmeas dos primatas não-humanos quando segregadas dos seus machos no cativeiro, as mulheres passaram a menstruar repetidamente quando foram sujeitas à indisponibilidade sexual e conseqüente não existência de gravidez imposta pelos interesses da sociedade.

Com a Renascença foi possível a retomada das iniciativas da ciência, e houve a possibilidade, pela primeira vez, de conhecer a anatomia e fisiologia da mulher por meio de estudos que permitiram afastar conceitos absurdos e fantasiosos sobre o útero feminino e sobre a circulação do sangue.

Somente no final do século XIX e principalmente no século XX, a partir da descoberta dos hormônios, tornou-se possível compreender de fato o que era a menstruação, um fenômeno inteiramente governado pela atividade endócrina do ovário, cuja repetição mensal resulta exclusivamente de uma falha reprodutiva. A progressiva redução da idade da menarca através dos tempos continuou até o século XX, quando as mulheres ocidentais passaram a menstruar em torno de 10 a 11 anos de idade, principalmente pelo fato de que cada vez mais precocemente se atinge o peso necessário para desencadear o processo fisiológico.

Essa visão persistiu por séculos e em meados dos anos 1800, nos EUA, a cultura em torno da menstruação tornou-se uma narrativa simples: o sangue menstrual era visto como "sangue ruim", tanto sujo quanto vergonhoso.

**Mas a menstruação era uma realidade inevitável que precisava ser tratada.**



A menstruação é um processo saudável, normal e vital. Não se deve proibir mulheres e meninas de fazerem as coisas que querem ou precisam fazer. Quando nós tomamos as medidas de higiene menstrual adequadas, devemos poder continuar com nossas atividades cotidianas.

# PRAZER, ESSA SOU EU

Às vezes, escolhemos lutar contra monstros mentais que nem pedem socos e pontapés. Abraços. Sentir não é errado. Significa que você tem um coração enorme. Um peito em que cabe muita coisa.

Então... Só... Sinta. Sinta até a última gota de sentimento. Depois, lave o rosto, sacuda a alma e levante-se para mais um dia vivido durante uma pandemia completamente maluca. Viver não é só sorrir. Viver é, também, ficar em silêncio. Ainda que cheio de barulho por dentro.

E tudo bem. Isso não significa que a sua vida é melhor ou pior, isso não quer dizer que você não é feliz.

A felicidade tem um conceito tão deturpado que, se a gente observar bem, já é feliz e nem sabe. Ou finge que não.

Ou pensa que não. Ou se confunde. Para ser sincera... estamos todos confusos com tudo que está acontecendo. Até as certezas absolutas podem mudar.

Nada, no fim das contas, é tão absoluto assim. A nossa única convicção é a de que o sol vai nascer e, uma hora ou outra, vai despontar no nosso céu. Mas ele não deixa de iluminar a vida. Ele é tão gigante, em múltiplos sentidos, que empresta sua luz para a lua resplandecer. E ela, olha, ela é o maior exemplo de mutação que nós temos.

Não tem o menor receio de minguar, de crescer, de ser cheia, de se

mostrar para todos, independente da sua forma. Ela não usa máscaras nem disfarces. Ela é. E que nós sejamos também. Principalmente honestos com nossos sentimentos.

# O CORPO IDEAL PARA O VERÃO É AQUELE QUE SE DIVERTE E VAI À PRAIA

O estereótipo de beleza feminina representado nas campanhas publicitárias é criticado, quando não rejeitado.

Caminhando no andar da tartaruga através de muitos debates, conversas e aceitações, o projeto verão mudou de cara. Chegar à estação mais quente do ano com o corpo magro e modelado deixou de ser encarado como obrigação. O “corpo do verão” correspondia aos padrões de beleza feminina que aos poucos estão deixando de existir.

Muito provavelmente você está ou já esteve alguma vez na vida insatisfeita com o seu corpo. Se você é mulher, a pressão estética para alcançar um determinado padrão é maior: segundo pesquisa do Royal Society for Public Health, do Reino Unido, 90% das meninas de 14 a 24 anos se sentem infelizes com seus corpos e pensam em mudar a própria aparência, cogitando, inclusive, procedimentos cirúrgicos, segundo matéria divulgada pela BBC.

O estereótipo de beleza feminina representado nas campanhas publicitárias é criticado, quando não rejeitado. As mulheres não se identificam com as figuras glamourosas e perfeitas presentes na mídia, o que provoca sentimentos de frustração e abalo da autoestima. Especialistas afirmam que a busca pela padronização pode gerar várias complexidades, desde a insatisfação pessoal até transtornos psicológicos e alimentares.



O conceito do que significa belo/beleza e o seu correspondente modelo físico, é alterado segundo os gostos e valores dominantes em um determinado período e em um meio específico. Retrata uma cultura, ou seja, uma época e uma sociedade e, ainda, reflete o posto que ocupa na hierarquia de valores que essa sociedade vivencia. Com o fenômeno da globalização, esse conceito se universaliza e as campanhas publicitárias, ao adotarem um determinado “modelo”, concorrem para fixar no imaginário das pessoas o conceito de beleza.

Infelizmente as mulheres ainda são avaliadas primeiro por sua aparência e não por suas atitudes e qualidades. Isso denota resquícios de uma sociedade desigual e de raízes patriarcais. Nem sempre é fácil conseguir quebrar esse padrão, desencanar dos olhares alheios e curtir o corpo da forma como ele é.

Todo mundo tem imperfeições, né? É importante se aceitar e se amar, passar a acompanhar hashtags e perfis com conteúdos reais, com um olhar especial para aqueles voltados ao body positive e aos corpos livres. A transformação é um reflexo do crescimento de movimentos que trabalham o conceito de empoderamento feminino.

“Cansei de ficar decepcionada com a casa que me mantém viva, estou exausta de tanto gastar energia odiando a mim mesma.” *Chega de ódio, livro Meu Corpo Minha Casa, de Rupi Kaur.*





"quero pedir desculpa a todas as mulheres que descrevi como bonitas antes de dizer inteligentes ou corajosas fico triste por ter falado como se algo tão simples como aquilo que nasceu com você fosse seu maior orgulho quando seu espírito já despedaçou montanhas de agora em diante vou dizer coisas como você é forte ou você é incrível não porque eu não te ache bonita mas porque você é muito mais do que isso"

Rupi Kaur

# 8 FRASES PARA NORMALIZAR

QUAL DESSAS FRASES VOCÊ MAIS GOSTARIA QUE AS PESSOAS NORMALIZASSEM?

**RESPONDA EM UM NÚMERO:**

**1) "OBRIGADA, MAS NÃO PEDI SUA OPINIÃO."**

**2) "ESTOU FALANDO, PARE DE ME INTERROMPER."**

**3) "SIM, EU ENTENDI... E DISCORDO."**

**4) "NÃO TE DEI INTIMIDADE PRA ISSO."**

**5) "NÃO."**

**6) "PROCURE NO GOOGLE. "**

**7) "ISSO NÃO É ENGRAÇADO."**

**8) "SIM, EU ACABEI DE FALAR ISSO"**

**9) TODAS! (PRA ONTEM...)**

**VOCÊ JÁ FOI VISTA COMO GROSSA POR DEVOLVER O INCÔMODO, DIZER NÃO OU SIMPLEMENTE SER ASSERTIVA?**

**TUDO ISSO JÁ DEVERIA SER NORMALIZADO FAZ TEMPO, MAS, PRINCIPALMENTE PARA MULHERES, NÃO É.**

# COISAS QUE TODAS AS MULHERES DEVERIAM SABER

Você tem um minuto para ouvir a palavra do feminismo?

Você NÃO precisa de um homem para:

ser feliz;

- ser amada;

- ser "uma mulher de respeito";

- validar sua beleza ou valor...

Você não PRECISA de um homem para nada.

**NÃO ACEITE:**

Migalhas de amor e afeto;

Trabalhar por uma mixaria;

"Outros" sempre como prioridades;

Diminuir seus sonhos por conta de inseguranças de outras pessoas;

Uma relação falida só pra não ficar só.

Você merece mais, e não é egoísmo ou arrogância não aceitar pouco.

Corpos femininos não são públicos.

Infelizmente, o patriarcado nos ensina o contrário: que os nossos corpos podem ser tocados, avaliados, criticados, dominados, explorados.

Precisamos desconstruir essa mentira.

Você já parou para pensar se reforça essa cultura? Não resumir mulheres aos seus corpos ou criticar as escolhas individuais alheias é um começo.

Você não é obrigada a ser "boazinha".

Sustentar o climão, cortar a grosseria, não rir da piada preconceituosa, discordar da ignorância...

São reações legítimas e que já deveriam ter sido normalizadas.

Não ignore seus limites para agradar quem não tá nem aí para ser agradável com você.

O trabalho doméstico realizado pelas mulheres tem ajudado homens a enriquecer há séculos.

**Homens amam homens.  
Homens admiram homens.  
Consumem o trabalho de homens.  
Indicam e defendem homens.  
Acreditam e investem em homens.  
Mulheres aprendem a fazer o mesmo e ainda rivalizar com outras mulheres. Nenhuma de nós ganha com isso.**

Seu lazer não te faz menos profissional ou inteligente.  
Médica na micareta?  
Doutora postando makes?  
Cientista na balada?  
Engenheira que é gamer?  
Jornalista que posta foto de biquíni?

Sim. Ninguém trabalha todas as horas de todos os dias.

Meninas amadurecem mais cedo.

Meninos sensíveis são "afeminados".

Meninas vão dar um trabalho...

Meninos são aventureiros e vão ganhar o mundo.

Meninas são princesas, sonham em casar e ter filhas como suas bonecas.

Já passou da hora de educarmos crianças de maneira antixista.





ever did was

what

!

DID

TO

you

WORST

thing that i

neuroses and f

The

それ  
も受

## ÀQUELAS QUE VIERAM ANTES DE MIM

**D**e uma pequena fresta de fechadura, minha bisavó viu seu futuro marido pela primeira vez alguns minutos antes da cerimônia de casamento. Ela se escondia no quarto com sua boneca preferida daquilo que lhe aguardava do lado de fora. Ela tinha 13 anos e ele, 25. Às vezes me pergunto se naqueles minutos de medo e incerteza o pensamento de dar início a uma nova linhagem sanguínea serviu de algum conforto. Provavelmente não. A menina abriu a porta do quarto sozinha, ouviu a benção do padre e enfrentou sua sina como uma adulta, dando à luz dez vezes.

Se soubesse que teria uma bisneta interessada em sua história, teria ela se deitado com aquele estranho com menos receio? Teria ela subido ao altar com maior ânimo; encarado cada um dos adultos ali presentes com maior determinação; aceito o seu destino de animal de procriação com menos dor?

Sua história se entrelaça com a minha, faz parte de mim. Me criou. De óvulo a óvulo, as mulheres carregaram dolorosamente o futuro da linhagem à qual pertencio. Uma aos 13, e anos mais tarde, outra aos 16. Minha avó queria ser freira. Ela detestava a ideia de se deitar com um homem, preferia viver na reclusão e segurança de um convento. Mas meu bisavô não autorizou, ele queria que a filha tivesse um destino melhor – o único possível na época: que se casasse e tivesse filhos.

Antes de terminar o ensino médio, ela se casou com um policial militar. Um amigo do irmão mais velho dela que um dia pediu ao meu bisavô a autorização para desposá-la. Simples assim, uma negociação, negócios. Um bem que não mais pertencia à casa de meu bisavô. Desposada, a adolescente precisou mudar a rotina e voltar rápido da escola para preparar e servir o almoço antes que o marido fardado adentrasse a casa. Ele nunca a permitiu cursar uma faculdade como as amigas dela fizeram. Aos 21 anos, ela forçou o médico a fazer laqueadura após ter três filhos. Um deles é minha mãe.

A linhagem das mulheres forçadas a se casarem como adolescentes deu forma a uma mulher nascida na década de 1970. De espírito livre e enérgico, ela fez o que suas antepassadas não puderam. Namorou quantos meninos quis, dançou em quantas festas suas pernas foram capazes de aguentar, e sonhou com diversos futuros (todos possíveis de serem realizados).

Ela tentou ser modelo, mas no final acabou pensando em seguir carreira policial, como o pai. Aos 19 anos, no entanto, engravidou e foi forçada pelo pai e sogros a se casar. Enquanto estava grávida, não pôde prestar prova para a polícia e desistiu da carreira. Acabou tendo que trabalhar na empresa do marido, e se mudar para a casa da sogra.

Três histórias de mulheres que me moldaram, me originaram. Não escreveria uma palavra sequer sem o passado delas, e, ainda sim, sinto em cada letra a solidão de suas noites e a desilusão de suas manhãs. O sol, tenho certeza, nunca mais brilhou na mesma intensidade para a menina que precisou se casar com um desconhecido, para a adolescente que precisou abrir mão de suas escolhas, e para a jovem que precisou desistir de seus sonhos.

Infelizmente, não há o que fazer além de dedicar a todas elas as minhas palavras ditas, escritas e aquelas nunca verbalizadas. Ofereço, também, todo o sangue e suor que de meu corpo derramou; meus risos, lágrimas e desejos profanados. Meus sonhos serão para sempre compartilhados com as mulheres que me precederam. O futuro que me aguarda a elas pertence, pois é de seus passados que me criei, e levarei para sempre, nas curvas de meu corpo, o sofrimento da sobrevivência das minhas antepassadas.



@yorrana\_maia

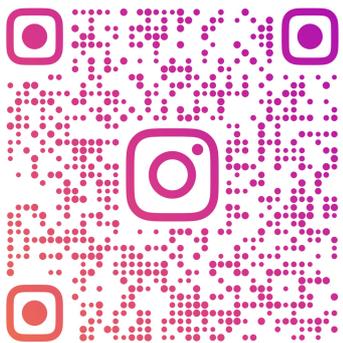
Yorrana Maia é escritora, jornalista de cultura feminista e ama tatuagens.

Aqui, em Vamos Juntas, vai escrever sobre nossas dores, diferenças e sororidade

PATROCÍNIO

# ARTES DA MAVI

@ARTESDAMAVI



**ARTESDAMAVI**

MARCA DE  
MIÇANGAS FEITAS  
POR MULHERES  
PARA MULHERES.

DIVULGUE EM NOSSA REVISTA.  
ENTRE EM CONTATO PELO E-MAIL:

**REVISTAMULHERSUBVERSIVA@GMAIL.COM**

# LEI MARIANA FERRER

A Lei Mari Ferrer, que pune agentes públicos que causarem sofrimento desnecessário a vítimas de crimes de violência sexual, foi sancionada em 31 de março de 2022.

**E**m 2018, a jovem Mariana Ferreira Borges, que na época estava com 21 anos, trabalhava como influenciadora digital. Ela, que ficou conhecida nas redes sociais como Mari Ferrer, também ocupava o cargo de embaixadora do estabelecimento Café de La Musique, um beach club de luxo em Florianópolis (SC), divulgando o espaço através das suas redes sociais. Em 15 de dezembro daquele ano, a jovem participou de um evento no local. No dia seguinte, registrou um boletim de ocorrência relatando ter sido drogada e estuprada. Em 20 de maio de 2019, usou as redes sociais pela primeira vez para expor sua versão dos fatos. Desde então, usa as contas do Instagram e do Twitter para desabafar, expor materiais ligados ao dia da festa e pedir por justiça.

Através de postagens via Twitter e Instagram, ela relata o que teria acontecido no dia da festa e conta que, até aquele momento, nunca havia tido relações sexuais.

Cinco meses após o registro da ocorrência, em maio de 2019, o caso não havia caminhado e Mariana decidiu compartilhar seus relatos nas redes sociais. A história viralizou e foi compartilhada por milhares de pessoas, incluindo personalidades famosas.

Em julho do mesmo ano, André de Camargo Aranha se tornou réu do caso, investigado como estupro de vulnerável. No início das investigações, Aranha, empresário que trabalha no ramo de marketing esportivo, negou ter se aproximado da jovem naquela noite. Ele também se recusou a fazer um exame de DNA a fim de que a polícia avaliasse se o seu material genético era compatível com o do esperma encontrado na roupa da influenciadora.

No entanto, a delegada responsável pelo caso na época, Caroline Monavique Pedreira, pediu que um copo de água usado pelo empresário durante seu depoimento fosse estudado. Os resultados comprovaram a compatibilidade entre o seu material genético e o esperma presente na calcinha. Além disso, ele foi reconhecido nas imagens das câmeras de segurança do local subindo uma escada de mãos dadas com ela e foi apontado como suspeito por duas testemunhas.

Um laudo do IML (Instituto Médico Legal) comprovou o rompimento recente do seu hímen.

## #INDIGNAÇÃO

Depois de uma longa espera, no dia 9 de setembro de 2021, o juiz Rudson Marcos, da 3ª Vara Criminal de Florianópolis, julgou como improcedentes as denúncias da jovem e absolveu o réu da acusação de estupro de vulnerável. Na sentença, o juiz também levou em conta as imagens da câmera de segurança que mostram Mariana descendo uma escada.

"[...] Com base nas imagens percebe-se claramente que a ofendida possui controle motor, não apresenta distúrbio de marcha, característico de pessoas com a capacidade motora alterada pela ingestão de bebida alcoólica ou de substâncias químicas", analisou em um dos trechos. Ele também citou "um antigo dito liberal" que afirma ser "melhor absolver sem culpados do que condenar um inocente".

Durante o julgamento, a defesa do acusado e o Ministério Público alegaram que o homem não sabia que a vítima não estava com a sua capacidade plena de consentir.

O termo "estupro culposo" acabou se tornando o assunto mais comentado em todas as redes sociais. A decisão foi questionada por ativistas pelos direitos das mulheres e logo, a hashtag #JustiçaPorMarianaFerrer se tornou um dos assuntos mais comentados do país.

### **Sancionada Lei Mariana Ferrer, que protege vítimas de crimes sexuais em julgamentos**

A Lei Mariana Ferrer protege vítimas e testemunhas de violência sexual durante o julgamento, instituindo a responsabilização civil, penal e administrativa se houver desrespeito aos seus direitos. Segundo a justificativa para o PL (Projeto de Lei), casos como o de Ferrer poderiam desestimular as vítimas a denunciar seus agressores por "receio de não encontrarem o apoio necessário quando do julgamento".

Nas ações previstas pela Lei, são proibidas a manifestação sobre circunstâncias ou elementos alheios aos fatos a serem apurados, assim como a linguagem, informações ou materiais que "ofendam a dignidade da vítima ou de testemunhas" durante o julgamento do processo.

Além disso, foi estabelecido que, se o processo envolver "crime contra a dignidade sexual", a pena poderá ser aumentada de 1/3 até a metade. A lei tem como principal objetivo "reprimir a vitimização secundária" durante o procedimento de apuração, "considerando que a vítima já teria sofrido com a agressão pela qual o processo está sendo movido".



# MANU GAVASSI

crítica manchete que a reduzia em aparência e recebe apoio: 'doentio e sintomático'

**A** cantora, atriz e ex-BBB Manu Gavassi usou suas redes sociais para criticar uma manchete do caderno Ela, do jornal O Globo, que falava apenas da sua aparência. Capa da edição, a artista lamentou que o título tenha focado apenas nos seus atributos e mudanças físicas, mesmo quando está em turnê pelo Brasil com o álbum "Gracinha" e sendo uma das protagonistas da série 'Maldivas', da Netflix. Através de postagens via Twitter e Instagram, ela relata o que teria acontecido no dia da festa e conta que, até aquele momento, nunca havia tido relações sexuais.



## **Capa da edição, Manu Gavassi lamentou que o título tenha focado apenas nos seus atributos e mudanças físicas e não na sua carreira**

A cantora iniciou seu desabafo em um post exibindo a capa com a manchete "Manu Gavassi: Explante de silicone, transição capilar e novo timbre: essa moça 'tá diferente!" e dialogou sobre como as artistas femininas são representadas nas mídias. "Capa bonita, né? Entrevista também. Mas a manchete é exatamente como somos representadas como artista, nem tanto... Quando li a minha Manchete de capa do Caderno Ela (uma das maiores revistas femininas do Brasil) senti um incômodo, mas me perguntei se eu não estava sendo muito reativa ou exagerando. Conversei muito abertamente com a repórter (uma mulher inteligente e sensível) sobre como tinha ficado chateada de uma notícia a respeito do meu corpo ter ofuscado o lançamento de um trabalho gigantesco. Ela compartilhou da mesma frustração", disse ela.

No texto, ela afirmou que fez um exercício colocando nome de atores e cantores homens mais ou menos da sua idade no Google, mas nenhuma manchete falava de aparência, apenas sobre a carreira e conquistas, coisa que não acontecia quando o mesmo era feito com mulheres.

**"Daí eu lembrei que estou em turnê pelo Brasil. uma turnê lindíssima e esgotada. diga-se de passagem. na qual venho ensaiando nos últimos três meses e criando a concepção visual. estou como uma das protagonistas no maior investimento da Netflix no Brasil com uma personagem super forte e mais diversas outras coisas legais. Não pensei nem por um segundo que meu peito. ou a falta dele. e meu cabelo e a textura dele. estariam estampados em uma capa nesse momento da minha vida. Porque eu não pensei em nem um segundo neles".** continuou.

Manu Gavassi alegou que poderia ficar quieta com o ocorrido e apenas comemorar a capa do caderno, porém, já está quase fazendo 30 anos e não tem paciência para continuar sendo reduzida a aparência, declarando, ainda, que fez e desfez de plásticas devido a abordagem da mídia.

## Apoio de outras mulheres

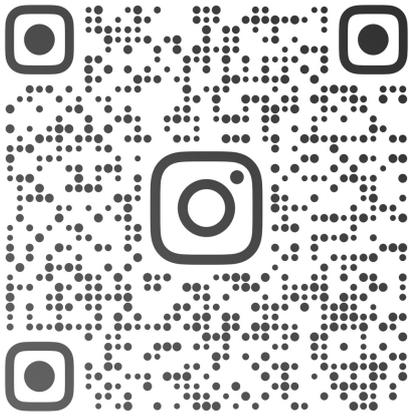
O desabafo de Manu fez outras artistas, incluindo Karen Jonz, tetracampeã mundial de skate e cantora, se manifestarem sobre o ocorrido. "Isso já rolou comigo também e eu acho isso extremamente doentio e sintomático, não sei se isso é o que as pessoas querem consumir ou consomem", disse a skatista.

"Em um contexto diferente, também me senti reduzida com as chamadas depois de ter passado horas dando uma das minhas melhores e mais completas entrevistas", comentou a ex-BBB Rafa Kalimann. Outras artistas como a atriz Alice Wegmann, a cantora Duda Beat, Fê Paes Leme e Bruna Marquezine também manifestaram seu apoio ao posicionamento de Manu Gavassi.



# CHEGOU ATÉ AQUI?

leia as outras duas edições da Revista Subversiva, nos conte o que achou, nos acompanhe por meio das redes sociais e escute nossas playlists favoritas.



SUBVERSIVAREVISTA

GIRL POWER

FEMINISM



the future is FEMALE





SUBVERSIVA  
SUBVERSIVA  
SUBVERSIVA  
SUBVERSIVA  
SUBVERSIVA  
SUBVERSIVA  
SUBVERSIVA  
SUBVERSIVA  
SUBVERSIVA  
SUBVERSIVA



0 000000000 0 000000000 0 000000000